

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Chega de Bardin!: O Círculo Vicioso da Análise de Conteúdo Brasileira

Rafael Cardoso Sampaio, Cristiane Sinimbu Sanchez, Camila Schiavon Tigrinho, Karina Ernsen, Josiane Ribeiro de Souza, Elysangela Dittz Duarte

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12029>

Submetido em: 2025-05-19

Postado em: 2025-05-21 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Chega de Bardin! O Círculo Vicioso da Análise de Conteúdo Brasileira

Rafael Cardoso Sampaio¹

<https://orcid.org/0000-0001-5176-173X>

Cristiane Sinimbu Sanchez²

<https://orcid.org/0000-0002-0247-3579>

Camila Schiavon Tigrinho³

<https://orcid.org/0000-0003-3374-4615>

Karina Ernsen⁴

<https://orcid.org/0009-0008-0659-2103>

Josiane Ribeiro de Souza⁵

<https://orcid.org/0000-0002-1362-6956>

Elysangela Dittz Duarte⁶

<https://orcid.org/0000-0001-8170-7523>

Resumo: A análise de conteúdo é uma técnica amplamente utilizada. Porém há fragilidades em sua aplicação no Brasil, com excessiva predominância do manual de Laurence Bardin. Discute-se, neste artigo, um "círculo vicioso" em que tutoriais replicam pontos fortes e limitações de Bardin, dificultando a incorporação de avanços metodológicos recentes e abertura para o diálogo internacional. Aplicou-se a análise de conteúdo em um *corpus* de 71 materiais tutoriais brasileiros para verificar a citação de Bardin, replicação de seu modelo e presença de nove aspectos de qualidade de pesquisa. Os aspectos mais presentes são amostra, unidade de análise e *software*, coincidindo com Bardin, e os elementos menos presentes são treinamento de codificadores, replicabilidade e múltiplos codificadores, limitações também vistas no manual de Bardin. Propõe-se uma agenda para romper esse círculo, incentivando estudos críticos, novos materiais, eventos, discussões epistemológicas, integração interdisciplinar, treinamento e repositórios digitais.

Palavras-chave: análise de conteúdo; rigor científico; pesquisa qualitativa.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em de Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista produtividade CNPq 1D. Curitiba, Paraná, Brasil. cardososampaio@gmail.com.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação pela UFPR. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: cristiane.sinimbu@ufpr.br.

³ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR. Curitiba, PR, Brasil. camilatigrinho@gmail.com.

⁴ Doutoranda em Comunicação pela UFPR. karinaealves@gmail.com.

⁵ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, PR, Brasil. josiane.rib12@gmail.com.

⁶ Professora Titular no Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública e do programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de Produtividade CNPq. elysangeladittz@gmail.com.

Enough of Bardin! The Vicious Circle of Brazilian Content Analysis

Abstract: Content analysis is a widely employed technique. However, there are weaknesses in its application in Brazil, with excessive predominance of Laurence Bardin's manual. This article discusses a "vicious circle" in which tutorials replicate both strengths and limitations of Bardin, hindering the incorporation of recent methodological advances and openness to international dialogue. Content analysis was applied to a *corpus* of 71 Brazilian tutorial materials to verify Bardin's citation, replication of her model, and the presence of nine research quality aspects. The most prevalent aspects are sample, unit of analysis, and *software*, coinciding with Bardin, while the least present elements are coder training, replicability, and multiple coders—limitations also observed in Bardin's manual. An agenda is proposed to break this circle, encouraging critical studies, new materials, events, epistemological discussions, interdisciplinary integration, training, and digital repositories.

Keywords: content analysis; scientific rigor; qualitative research.

Introdução

A análise de conteúdo (AC) é uma das principais técnicas utilizadas para a análise de dados qualitativos em pesquisas na saúde coletiva e em diversas outras áreas do conhecimento. Trata-se de um procedimento sistemático que possibilita a organização, classificação e agrupamento de informações com características semelhantes, permitindo a realização de inferências sobre o conteúdo das fontes exploradas. A AC pode ser utilizada tanto em sua abordagem qualitativa, frequentemente aplicada à interpretação de dados produzidos por meio de entrevistas em profundidade e grupos focais, e outras técnicas qualitativas, quanto na análise de materiais diversos, como artigos, livros, conteúdos midiáticos e postagens em redes sociais, dentre outras aplicações.

As pesquisas que investigam a aplicação da análise de conteúdo no contexto acadêmico brasileiro têm evidenciado diversas fragilidades, com recorrentes críticas à forma como essa técnica vem sendo empregada em diferentes áreas do conhecimento. Um dos principais problemas identificados diz respeito à falta de rigor metodológico e fundamentação teórica consistente na utilização da AC. Pesquisadores de diferentes campos, incluindo a área da saúde, têm questionado o modo como a AC é aplicada. A análise de conteúdo (AC) enfrenta críticas severas por ser frequentemente utilizada de forma acrítica, sem transparência metodológica e desconectada de arcabouços teóricos robustos, servindo apenas como justificativa formal para confirmar resultados esperados sem efetiva sustentação nos dados. Pesquisas em diversas áreas, como Psicologia,

Administração e Educação Física, demonstram que muitos estudos falham em seguir os passos mínimos recomendados pela metodologia, omitindo procedimentos essenciais e não estabelecendo um claro encadeamento entre os dados apresentados e sua efetiva interpretação (Castro, Abs, & Sarriera, 2011; Gondim & Bendassolli, 2014; Silva et al., 2017; Seramim & Walter, 2017; Gomes et al., 2020; Nascimento et al., 2021).

Fica evidente, portanto, que um considerável corpo de pesquisas sobre o emprego da AC no Brasil apontando falhas relevantes, que vão desde questões epistemológicas mais profundas até problemas pragmáticos de falta de transparência, rigor metodológico e fundamentação teórica na aplicação da técnica. Esse cenário sugere a necessidade de maior reflexão crítica e aprimoramento no uso da AC para que seu potencial analítico seja explorado de forma robusta e confiável.

Outra questão pontuada anteriormente é que o manual de análise de conteúdo de Laurence Bardin domina de forma atípica a literatura brasileira de análise de conteúdo. Diferentes estudos têm demonstrado de forma recorrente, que essa obra se constitui como a principal referência utilizada em pesquisas que empregam a AC no país (CARDOSO; MONTEIRO, 2022; MARTINEZ; PESSONI, 2015; NASCIMENTO *et al.*, 2021; SERAMIM; WALTER, 2017). Um uso excessivo de Bardin que parece estar naturalizado e ser incentivado pelos pesquisadores qualitativos.

Este artigo tem como objetivo ampliar os achados apresentados por dois estudos anteriores sobre o estado da arte da análise de conteúdo (AC) no Brasil (SAMPAIO et al., 2022a; SAMPAIO et al., 2022b) e aprofundar a discussão sobre a temática. Primeiramente, os autores conduziram uma análise cientométrica (SAMPAIO et al. 2022a) abrangente, investigando a utilização da AC nos campos das humanidades e ciências da vida. A pesquisa visou identificar empiricamente se o manual de Laurence Bardin sobre a técnica constituía a principal referência no país. Para tal, foram analisados títulos, resumos, palavras-chave e metadados de autores e periódicos de 3.484 referências na SciELO. Utilizaram-se técnicas de ciência da informação, como co-citação e acoplamento bibliográfico. Os resultados revelaram que diversas versões do manual de Bardin eram frequentemente citadas em ambos os campos, dominando de forma atípica todos os *clusters* de cocitações analisados. Foi também evidenciado que a curva de crescimento de citações de Bardin acompanhava de perto a curva de crescimento da aplicação da AC no Brasil. Em outras palavras, Bardin tornou-se sinônimo de análise de conteúdo no contexto brasileiro (SAMPAIO et al., 2022a).

Posteriormente, foram examinadas a qualidade da aplicação da AC e se as citações a Bardin eram predominantemente apologéticas (SAMPAIO et al., 2022b). Para isso, uma amostra representativa e aleatória composta por 549 artigos que utilizaram ACs qualitativas foi construída. Esses artigos foram avaliados por meio de uma análise de conteúdo quanti-qualitativa. Já no próprio título do artigo foi destacado que havia "Muita Bardin, e pouca qualidade". Isto porque, de maneira geral, os resultados indicaram uma qualidade baixa dos artigos em termos de detalhamento e disponibilização das categorias e unidades de análise, bem como de preocupação com a confiabilidade, transparência metodológica e validação dos dados. A pesquisa também sublinhou o uso exacerbado e acríptico do manual de Bardin (SAMPAIO et al., 2022b).

O presente estudo busca responder a uma hipótese levantada por Sampaio et al. (2022a): além de o manual de Laurence Bardin ser amplamente utilizado como principal referência para a aplicação das ACs no Brasil, haveria também um círculo vicioso relacionado ao modo como essa técnica vem sendo ensinada. Neste contexto, o termo “vicioso” é compreendido como a repetição sistemática de práticas que se desviam de uma abordagem metodologicamente rigorosa e reflexiva, limitando o potencial analítico e crítico da técnica. Ou seja, os materiais didáticos e textos acadêmicos que ensinam sobre a AC - aqui denominados tutoriais - ainda seriam fortemente ou exclusivamente ancorados nas diretrizes do manual de Bardin para ensinar a técnica, sem dialogar com os avanços teóricos, metodológicos e epistemológicos acumulados nas últimas décadas. Portanto, a pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: os materiais tutoriais contemporâneos sobre análise de conteúdo têm incorporado os aprimoramentos e atualizações da técnica, ou continuam replicando as bases estabelecidas por Bardin?

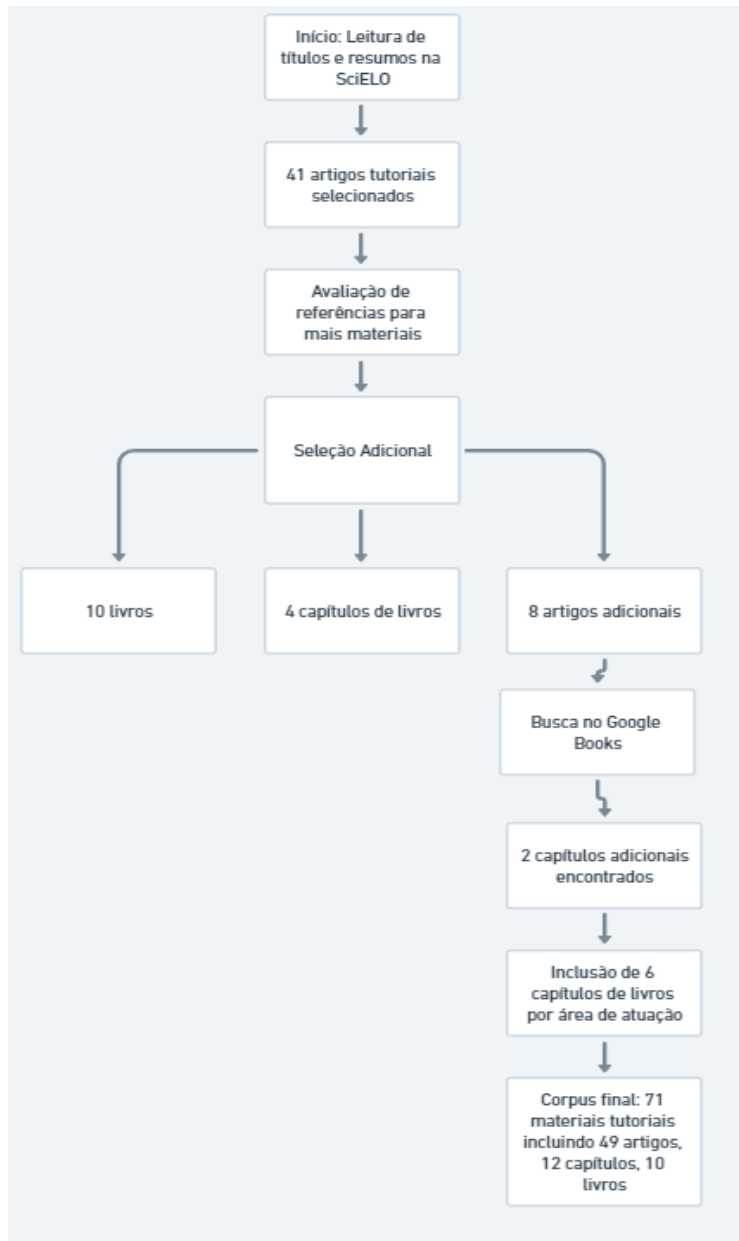
Metodologia

Para nossa avaliação, precisaríamos de um *corpus* abrangente de materiais tutoriais. Aqui, compreendemos tutoriais como artigos que ensinam a aplicar a técnica de pesquisa de análise de conteúdo ou que discutam aspectos metodológicos das aplicações. Para montá-lo, optamos por seguir princípios da revisão de escopo (CORDEIRO; BALDINI SOARES, 2020) e especialmente da construção de um *corpus* qualitativo de textos (BAUER; AARTS, 2003).

Assim, discussões epistemológicas e aplicações da AC foram descartadas, bem como não foram consideradas traduções de autores não brasileiros, pois acreditamos que eles não teriam a mesma influência do manual de Bardin e poderiam mitigar problemas

do cenário brasileiro. Além disso, os autores optaram por não incluir os seus próprios materiais, uma vez que eles seguem, em maior ou menor medida, os princípios científicos que defendemos para uma AC, portanto evitando também o conflito ético de avaliar o próprio material. O manual de Bardin foi avaliado à parte para efeitos de comparação, mas seus resultados não foram incluídos no *corpus*.

Com tais critérios de exclusão estabelecidos, inicialmente, fizemos a leitura manual de títulos e resumos das 3.484 referências coletadas na SciELO para o mapeamento original do uso da análise de conteúdo na ciência brasileira (SAMPAIO *et al.*, 2022a), no qual a busca se deu pelos termos “análise de conteúdo” e “análise do conteúdo”. Por meio desta leitura, 41 artigos foram selecionados como sendo materiais tutoriais. Após essa seleção, avaliamos as referências em busca de outros artigos, além de capítulos e de livros. Foram selecionados, assim, mais 10 livros, quatro capítulos e outros oito artigos não presentes no corpus inicial. Para finalizar, posteriormente, buscamos pelos termos “análise de conteúdo” e “análise do conteúdo” no Google Books e dois outros capítulos puderam ser encontrados. Os pesquisadores ainda incluíram seis capítulos de obras que circulam em suas áreas de atuação (notadamente Administração, Ciência Política, Comunicação, Educação e Saúde Coletiva). Assim, ao final construímos um corpus qualitativo de textos com 71 materiais tutoriais, sendo 49 artigos, 12 capítulos e 10 livros que ensinam ou discutem a aplicação de uma AC.



Então, seguiu-se para a criação de um Livro de Códigos (LdC) que nos permitisse avaliar em que medida os textos tutoriais denotavam ou não a inclusão de etapas e princípios que reforçassem a qualidade da AC, notadamente em termos de confiabilidade, credibilidade, replicabilidade, transparência e validação dos dados (KRIPPENDORFF, 2004; NEUENDORF, 2002; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021; SCHREIER, 2012). O livro de códigos se baseou no estudo de Sampaio et al. (2022b) que avaliou ACs qualitativas em termos de citações e de aspectos de rigor e em avaliações da qualidade em pesquisas qualitativas (BICUDO; COSTA, 2019; FLICK, 2009; MINAYO; COSTA, 2019; SCHREIER, 2012; TAQUETTE; BORGES, 2020). Assim, foi elaborado um livro de códigos com 12 categorias de análise (ver anexo 1). As três primeiras buscavam verificar em que medida os textos tutoriais brasileiros citam e fazem uso de outros autores. Em

outras palavras, é esperado que um artigo de cunho tutorial faça referências a outros textos do mesmo gênero, seja para criticar suas limitações, seja para realizar uma tradução ou mesmo simplificação de esquemas anteriores, tidos como excessivamente complexos. Por fim, tais referências também podem ocorrer em sentido oposto, ou seja, para apresentar esquemas de aplicação da técnica mais elaborados e com mais etapas de realização do que os atualmente existentes.

Então, inicialmente (v.1), avaliamos todos os autores de análise de conteúdo citados ao longo dos tutoriais e os codificamos a cada aparição no texto (i.e. codificação *in vivo*). Nosso objetivo era, então, verificar não apenas quantas vezes esses autores são acionados nas referências, mas também quantas vezes são acionados ao longo do texto, pois partimos do pressuposto que autores mais acionados são aqueles mais importantes e basilares para os tutoriais.

Com base em estudos anteriores, sabemos que o manual de Bardin é de longe o mais utilizado nas aplicações de AC no Brasil (Sampaio et al, 2022a, 2022b), mas tentamos verificar o quanto essa situação se repete ou não nos materiais tutoriais. Em outras palavras, uma hipótese rival seria que temos vários textos tutoriais que não se baseiam em Bardin, porém que a literatura insiste em continuar utilizando predominantemente seu manual. Assim, dividimos essa verificação em duas categorias. Na primeira (v.2), verificamos apenas se Bardin era citada ou não e em que medida a citação era apologista ou crítica ao seu manual. E, em seguida (v.3), se o manual de Bardin era a base do texto tutorial, seguindo os seus princípios, como a divisão em três grandes etapas e suas recomendações em termos de criação de categorias, definição das unidades de análise e contexto, categorização e amostra.

Na sequência, a partir do método desenvolvido por Sampaio et al(2022b), buscamos verificar em que medida os textos tutoriais incluíam aspectos que aumentam o rigor e o caráter científico da análise de conteúdo, nomeadamente: v.4 construção de amostra ou corpus qualitativo; v.5 definição de unidade de análise, contexto ou registro; v.6 importância de utilização de software de análise qualitativo, como CAQDAs; v.7 importância da codificação ser realizada por mais de um codificador; v.8 necessidade de treinamento desses codificadores; v.9 importância de se lidar com a subjetividade da codificação ou mesmo realizar um teste de confiabilidade entre codificadores; v10. Importância de usar estratégias para validação dos dados; v.11 importância de haver transparência metodológica da pesquisa e v12. Importância de tornar disponíveis os resultados de forma pública e/ou de outras formas que permitam a replicação da pesquisa.

Após a definição do *corpus* de análise e do Livro de Códigos, foi estabelecida a unidade de análise como a de um parágrafo, enquanto a unidade de contexto são os dois parágrafos anteriores ou posteriores. Para padronizar a codificação entre os codificadores envolvidos na pesquisa foram realizados sete treinamentos, liderados pelo autor principal, nos quais eram selecionados documentos do *corpus* para codificação individual e posterior discussão em grupo, conforme sugestões de Sampaio, Lycarião (2021). Além do nivelamento da codificação, a cada rodada de treinamento, o LdC também foi aprimorado, com exemplos e melhores explicações.

Após se alcançar nível aceitável de padronização na codificação, passamos para a codificação, o *corpus* foi dividido entre os codificadores, e a codificação se deu por meio do *software* NVivo versão 11. Cada codificação foi conferida por um segundo codificador e discordâncias foram resolvidas pelo autor principal. Ao final, optamos por fazer uma validação transacional dos dados por uma pesquisadora especialista em análise de conteúdo externa à pesquisa, conforme indicação da literatura de pesquisa qualitativa (FLICK, 2009; MINAYO; COSTA, 2019; TAQUETTE; BORGES, 2020).

Resultados

Nesta seção, apresenta-se os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo das fontes anteriormente apresentadas.

Resultados gerais

A primeira categoria, “Os(as) autores(as) citados(as) para apoiar a AC”, objetivava identificar quais autores são referenciados nos materiais que ensinam a técnica. Desta forma, todos os autores citados para explicar ou orientar a aplicação da AC eram codificados. Os resultados indicam que, ao longo dos artigos, livros e capítulos de livros tutoriais, 65 diferentes autores foram acionados como base da análise de conteúdo. Laurence Bardin foi notavelmente a mais citada em comparação aos demais autores utilizados com 430 citações, seguida por Maria Laura Franco (86 citações), Roque Moraes (50 citações), Martin W. Bauer (40 citações), Klaus Krippendorff (36 citações), Maria Cecília Minayo (34 citações) e Bernard Berelson (30 citações). Tal resultado já nos dá um indicativo de que Bardin é bastante acionada ao longo dos textos manuais.

A segunda categoria, “Bardin é referenciada como autora para fundamentar a AC?”, tinha o objetivo de verificar se as referências à Bardin nas fontes eram usadas para apoiar o modelo de AC da autora, para questionar ou criticar a perspectiva da autora, ou

se era uma citação à autora entre outros citados para legitimar a AC. Para esta variável, tem-se como resultados que, dos 71 materiais, 47 (66%) sustentam, apoiam, elogiam o modelo de AC de Bardin, 12 (17%) estudos a mencionam de forma subjacente a outros autores ou neutra, 11 (15%) trabalhos não a citam e apenas um dos trabalhos tutoriais (0,014%) contrasta com a visão da autora (Carlomagno, Rocha, 2016), abordando seus pontos cegos ou insuficiências.

A terceira categoria, “A base da metodologia empregada é o modelo de Bardin?”, buscava apreender se a metodologia ensinada, era basicamente uma reedição do modelo de Bardin, utilizando das três fases elencadas pela autora, sejam elas a pré-análise, a exploração dos materiais e o tratamento dos resultados e interpretações, conforme a Figura 1. Destaca-se que, dos 71 materiais analisados, quase 62% (n=44) usam a base do modelo de Bardin para ensinar como aplicar a AC. As outras nove categorias se referem às características que conferem qualidade à análise de conteúdo. Assim, buscou-se avaliar se elas estavam presentes ou não nos materiais tutoriais. Ou ainda, se os autores explicitavam a importância de se verificar tais questões na aplicação de uma análise de conteúdo.

Verificou-se que 59 materiais dos 71 totais constituíram a *definição de uma amostra ou de um corpus qualitativo* como um passo importante para o desenvolvimento da AC, e 57 consideraram o mesmo sobre a definição de uma *Unidade de Análise, de contexto ou de Registro*. Esses são elementos fundamentais para o desenvolvimento da técnica, bastante enfatizados no manual de Bardin (2011), mas que não são abordados por 12 e 14 materiais, respectivamente. Por sua vez, 31 tutoriais sugeriram o uso de softwares qualitativos para incrementar a análise de conteúdo, notadamente pelo uso de CAQAS, como Atlas.ti (n=11), NVivo (N=7), Alceste (n=4), MaxQDA (n=3) e afins.

A *presença de mais de um codificador*, ou seja, de mais de uma pessoa responsável por analisar e categorizar os dados, é considerada por diversos autores como fundamental para garantir a confiabilidade e minimizar possíveis vieses individuais (KRIPPENDORFF, 2004; OLIVEIRA *et al.*, 2003; SCHREIER, 2012).

A utilização de mais de um codificador permite a comparação e o cruzamento de resultados, verificando-se a consistência e a concordância entre as análises. Para tanto, é necessário que os codificadores recebam um treinamento adequado para garantir a uniformidade na aplicação dos critérios de codificação, reduzindo a subjetividade e aumentando a confiabilidade dos resultados. Apesar de ser um passo muito importante para o emprego da técnica, apenas 17 dos materiais que a ensinam destacam a presença

de mais de um codificador na análise, enquanto somente nove tratam da realização de um treinamento entre os codificadores como um passo relevante da AC.

Nesse pressuposto, havendo mais de um codificador, é essencial que haja a adoção de *mecanismos para lidar com as diferenças interpretativas dos codificadores* e, preferencialmente, *a realização de testes de confiabilidade entre codificadores* (KRIPPENDORFF, 2004; MAIA; HAUBER; NEUENDORF, 2002; PAULA, 2022; SCHREIER, 2012), para se garantir que as codificações não sejam aleatórias e que haja um padrão na forma como os códigos e as categorias são aplicadas. Esta importância foi destacada em 23 materiais.

A *transparência metodológica* consiste em descrever detalhadamente os procedimentos adotados na análise de conteúdo, desde a seleção e preparação dos dados até a categorização e interpretação dos resultados. Assim, permite que outros pesquisadores possam compreender e avaliar o rigor da análise realizada, aumentando a confiabilidade, a credibilidade e a replicabilidade dos estudos (ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HENRIQUE, 2015; FLICK, 2009). Ela foi denotada em 23 dos 71 materiais.

A *validação dos dados* é também um passo fundamental para garantir a confiabilidade dos resultados e para fortalecer a credibilidade da análise de conteúdo (CAMPOS, 2004; FLICK, 2009; MINAYO, 2007; TAQUETTE; BORGES, 2020), especialmente, quando não há a presença de dois ou mais codificadores ou testes de confiabilidade. Tal passo esteve explicitado em 28 materiais tutoriais.

Finalmente, avaliamos se os autores dos textos tutoriais sugeriam ações para incrementar a *replicabilidade da análise* e/ou a disponibilização em plataformas públicas dos resultados - outros pesquisadores devem ser capazes de reproduzir a análise utilizando os mesmos critérios e procedimentos, para chegar em resultados similares, mas também para permitir a revisão e a validação por parte da comunidade acadêmica (DOMINGOS, ROCHA, MARCIANO, 2024). Esse passo foi considerado relevante em apenas 15 dos materiais analisados.

Tabela 1 - Resultados da AC por aspectos de qualidade

Aspectos de qualidade da AC	Frequência
Bardin é citada para apoiar a AC	71 (100%)
Base da AC é Bardin	44 (61,97%)
Amostra ou corpus qualitativo	59 (83,10%)
Unidade de Análise, registro, contexto, análise	57 (80,28%)
Software de análise	31 (43,66%)
Mais de um codificador	17 (23,94%)

Treinamento dos codificadores	9 (12,68%)
Teste de confiabilidade ou lidar com subjetividade	23 (32,39%)
Validação dos dados	28 (39,44%)
Transparência metodológica	23 (32,39%)
Replicação ou disponibilização dos resultados	15 (21,13%)

Fonte: os autores

De forma geral, podemos dizer que os principais materiais tutoriais brasileiros cobrem de maneira significativa, acima dos 80%, a necessidade da construção de uma amostra ou *corpus* qualitativo e a necessidade de definição de unidade de análise e contexto em uma análise de conteúdo.

A recomendação do uso de *softwares* para aprimorar a análise qualitativa e a importância das técnicas para validação dos dados foram temas presentes em aproximadamente 40% dos materiais tutoriais. A necessidade de transparência no detalhamento da metodologia e de atenção extra ao lidar com as diferenças interpretativas e a subjetividade da codificação, incluindo testes de confiabilidade entre codificadores, foi destacada em cerca de um terço desses materiais.

Por outro lado, os aspectos menos mencionados nos tutoriais referem-se à importância de contar com mais de um codificador (23%), de adotar medidas que facilitem a replicação da pesquisa (21%) e, especialmente, sobre a necessidade de treinamento adequado para os codificadores (12%). Estes aspectos representam, portanto, as principais lacunas identificadas na análise de conteúdo no contexto brasileiro.

Os materiais tutoriais em comparação a Bardin

Agora, em vez de olharmos apenas os totais da presença de aspectos de qualidade, achamos prudente investigar em que medida esses qualificadores foram apresentados em conjunto e como eles se comparam à análise do manual de Bardin (ver anexo 2). Dentre nove categorias de qualidade possíveis, a média dos materiais tutoriais foi de apontar apenas 2,85 aspectos. Dos 71 materiais, 23 (32%) apresentaram de 4 a 7 aspectos, enquanto 32 (45%) apresentaram dois ou menos indicadores em conjunto, sendo que quatro tutoriais não apresentaram nenhum dos nove aspectos que consideramos importantes para qualificar a análise de conteúdo.

Tabela 2: aspectos de qualidade da AC em conjunto

Aspectos de qualidade da AC	Quantidade de tutoriais que os apresentam em conjunto
0 a 2 aspectos	32 (45%)
4 a 7 aspectos	23 (32%)
Amostra, unidade de análise e software	25 (35%)
Mais de um codificador, treinamento e testes de confiabilidade	4 (5%)
Transparência metodológica, validação dos dados e replicabilidade	5 (7%)
Presença de mais de um codificador, treinamento e replicabilidade	3 (4%)

Fonte: os autores

Do total, 25 (35%) tutoriais destacaram em conjunto a importância de amostra, unidade de análise e uso *softwares*. E se ignorarmos esses três qualificadores mais presentes (i.e. amostra, unidade de análise e *software*), 26 materiais tutoriais (36%) ficam zerados entre os outros seis outros aspectos analisados.

Se considerarmos a importância de uma análise de conteúdo contar com mais de um codificador, de existir um treinamento para esses codificadores e da necessidade de testes de confiabilidade para a codificação entre eles, então apenas quatro materiais tutoriais ressaltam esses aspectos em conjunto (HERSCOVITZ, 2007; JÚNIOR, 2011; MAIA; HAUBER; PAULA, 2022; OLIVEIRA, 2008).

Se considerarmos aspectos gerais para qualificar a análise de conteúdo, como transparência metodológica, validação dos dados e replicabilidade da pesquisa, apenas cinco trabalhos tutoriais destacam os três aspectos em conjunto (RICHARDSON, 2012; SANTO; SOARES, 2015; URQUIZA; MARQUES, 2016; VALENTIM *et al.*, 2005). Por sua vez, se destacamos os três qualificadores menos presentes (i.e. presença de mais de um codificador, treinamento de codificadores e replicabilidade), apenas três materiais explicitam a sua importância para a análise de conteúdo simultaneamente (ALVES *et al.*, 2016, MAIA *et al.* 2022, VALENTIM *et al.* 2005)⁷.

Em outras palavras, não apenas a maior parte dos materiais tutoriais disponíveis em português não explicita a importância de diversos aspectos de qualidade e cientificidade para análises de conteúdo como também há uma concentração em certos

⁷ Os trabalhos tutoriais mais exemplares de nosso corpus foram do artigo de Santo, Isabel (2015) e Valentim *et al.* (2005), além do capítulo de Maia *et al.* (2022), que explicitaram a importância de sete dos requisitos. Alves *et al.* (2006), Rossi (2014), Franco (2003), Herscovitz (2007) e Fonseca Júnior (2011) vem em seguida apresentando seis requisitos.

aspectos. Portanto, apenas pela leitura e uso de múltiplos materiais um analista de conteúdo estaria mais bem preparado para uma pesquisa mais rigorosa.

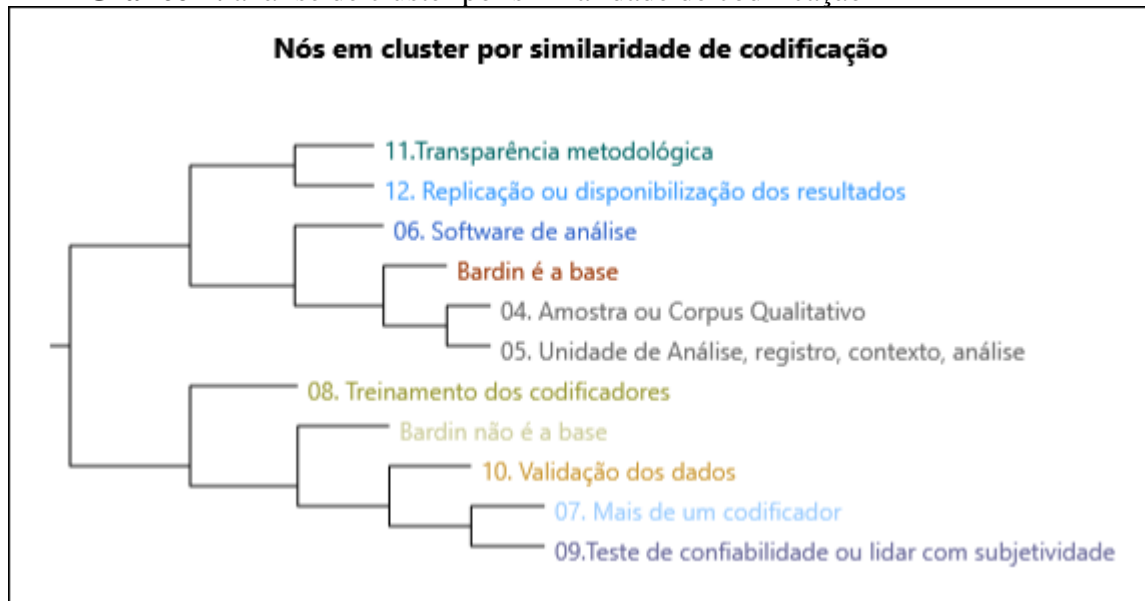
Pelo N reduzido, nenhum teste estatístico significativo foi capaz de evidenciar uma relação direta entre o uso do manual de Bardin e a falta da indicação de determinados critérios de qualidade em outros materiais tutoriais. Mas fizemos duas aproximações mais qualitativas. Por exemplo, se fizermos uma matriz qualitativa de cruzamento simples entre os resultados anteriores e esta análise de Bardin, podemos ver que há, aparentemente, alguma relação entre eles, conforme a tabela 2.

Tabela 3: indicadores de qualidade da AC x manual de Bardin

Indicadores de qualidade da AC	%	Manual de Bardin	Tutoriais que os apresentam em conjunto
Amostra ou corpus qualitativo	83.10	Explicita e explica	25 (35%)
Unidade de Análise, registro, contexto, análise	80.28	Explicita e explica	
Software de análise	43.66	Explicita	
Mais de um codificador	23.94	Menciona	4 (5%)
Treinamento dos codificadores	12.68	Rechaça	
Teste de confiabilidade ou lidar com subjetividade	32.39	Desconsidera	
Validação dos dados	39.44	Menciona	5 (7%)
Transparência metodológica	32.39	Desconsidera	
Replicação ou disponibilização dos resultados	21.13	Desconsidera	

Fonte: os autores

Por sua vez, as análises de clusters permitidas pelo NVivo nos dão alguns indicativos. Criamos dois casos como unidade de análise, a base da AC é Bardin: sim ou não. Assim, as codificações (nós) dos documentos como um todo seriam consideradas e geramos uma análise de *cluster* baseada no coeficiente de Jaccard na similaridade de nossas codificações, que gerou a seguinte representação:

Gráfico 1: análise de cluster por similaridade de codificação

Como podemos ver, materiais tutoriais baseados em Bardin estão mais próximos de sugestões de explicações de amostra e de unidade de análise, pontos fortes do manual de Bardin, seguidos pelo apontamento do uso de *software* de análise. Enquanto os tutoriais que não têm Bardin como base estão, semanticamente, mais próximos das sugestões do uso de mais de um codificador, a realizar testes de confiabilidade e fazer testes de validação.

Também uma pequena exploração textual nos consegue dar um outro indicativo da predominância absoluta do uso do referencial de Bardin para a análise de conteúdo. Pelo NVivo, analisamos a correspondência exata de palavras presentes em nosso *corpus*, tendo os materiais completos como unidades de análise (portanto, todas as palavras de todo o corpus entraram na contagem). Conforme a tabela 4, podemos ver que “Bardin” é a sétima palavra mais acionada em nosso corpus, com 927 aparições e sendo a única dentre este grupo que diz respeito à identificação de algum autor utilizado para orientar a AC. Também podemos achar referências a palavras comuns às etapas metodológicas da pesquisa qualitativa, a exemplo de dados, categorias, método, unidades, contexto, estudo, técnica, codificação, classificação, registro, técnicas, dentre outras. É interessante denotar que são palavras que podemos ligar a unidade de análise, unidade de registro, unidade de contexto, um ponto bastante reforçado no manual de Bardin. Não é sem surpresa que não vemos a presença de palavras como replicabilidade, confiabilidade, transparência e validação.

Tabela 4: top 50 palavras mais presentes no corpus

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
Análise	6345	Comunicação	689	Sociais	555	Conhecimento	449
Conteúdo	3589	Forma	683	Sentido	541	Objetivos	448
Pesquisa	2860	Educação	652	Pesquisas	538	Relação	447
Dados	1807	Analysis	647	Codificação	514	Objetivo	431
Categorias	1342	Contexto	645	Meio	509	Informação	426
Pesquisador	928	Interpretação	645	Trabalho	496	Metodologia	425
Bardin	927	Resultados	645	Classificação	492	Categoria	417
Processo	909	Estudo	582	Registro	481	Estudos	417
Texto	859	Discurso	581	Técnicas	478	Ciências	412
Qualitativa	820	Social	578	Diferentes	474	Mensagens	402
Material	753	Elementos	569	Unidade	474	Conjunto	386
Método	741	Técnica	569	Content	455		
Unidades	702	Exemplo	567	Documentos	450		

Fonte: os autores

Então, optamos por fazer essas buscas dentro do NVivo, conforme a tabela 5. Novamente, fica claro que as menções a termos bem abordados no manual de Bardin aparecem de maneira bem significativa no corpus, como amostra ou corpus (n=509), unidade de análise, contexto e registro (n=682) e software (n=535). Enquanto os aspectos não tratados ou apenas mencionados no manual de Bardin são bem menos presentes no corpus dos materiais tutoriais nacionais, nomeadamente mais de um codificador (n= 87), treinamento dos codificadores (n= 18), teste de confiabilidade ou outras formas de lidar com subjetividade (n= 174), validação dos dados (n= 218), transparência metodológica (n= 44), replicabilidade (n= 59).

Tabela 5: aspectos metodológicos mais presentes no corpus

Aspecto	Busca de palavras	Artigos	Menções no corpus
Amostra ou corpus	amostra OR corpus	62	509
Unidade de análise	“unidade de análise” OR “unidade de registro” OR “unidade de contexto” OR “unidades de análise” OR “unidades de registro” OR “unidades de contexto”	56	682
Software	software OR softwares	35	535
Mais de um codificador	codificadores OR juízes OR coders OR analistas OR intérpretes OR "pesquisadores independentes" OR "pesquisadores cegos"	28	87
Treinamento dos codificadores	treinamento (com palavras derivadas)	11	18

Teste de confiabilidade ou outras formas de lidar com subjetividade	confiabilidade OR fidedignidade OR fidelidade OR reliability (com palavras derivadas)	50	174
Validação dos dados	validade OR validação OR validity (com palavras derivadas)	53	218
Transparência metodológica	transparente OR transparência OR transparency OR credibilidade OR worthiness (com palavras derivadas)	21	44
Replicabilidade	Replicabilidade OR replicação OR reprodutibilidade OR Replicability OR replication OR reproducibility (com palavras derivadas)	13	59

Discussão: o Círculo vicioso da análise de conteúdo brasileira

Como visto, temos resultados significativos. Primeiro, 100% dos 71 materiais tutoriais sobre análise de conteúdo no Brasil reunidos para nossa amostra citam Bardin, sendo que 66% (n=47) fazem uma citação positiva ao seu modelo e apenas 1 artigo em todo o corpus trata sobre seus limites. Entretanto, desses 47 materiais citantes, 44 manuais tutoriais (62% do total), na verdade, replicam o modelo de aplicação de análise de conteúdo de Bardin. São, na prática, materiais que tentam simplificar o modelo de Bardin, geralmente focando na abordagem categorial-temático da autora.

Então, se pesquisas anteriores mostravam que Bardin era amplamente citada nas análises de conteúdo em todas as áreas do conhecimento (Sampaio et al, 2022a) e que não havia contestações ou críticas ao modelo da autora ao se avaliar tais ACs (Sampaio et al, 2022b), agora evidenciamos que o problema é ainda maior: existe um círculo vicioso na análise de conteúdo brasileira. Não apenas referenciamos e citamos Bardin em excesso, mas também replicamos seu modelo e, conseqüentemente, seus limites para nossos tutoriais. Uma replicação que não é fiel às recomendações originais

Dito de outra forma, a literatura brasileira sobre análise de conteúdo não tem apresentado mudanças ou avanços substanciais nos últimos anos. Os pontos não abordados ou apenas mencionados pela autora também são aqueles que, no geral, são menos apresentados em manuais tutoriais disponíveis na literatura brasileira. Portanto, os limites identificados no manual de Bardin são amplamente replicados pela literatura nacional, mesmo quando tratamos de materiais tutoriais recentes que buscam ensinar a aplicação da técnica. Como já dissemos em outros momentos, o manual de Bardin não é atualizado há mais de 20 anos. Então, discussões cada vez mais presentes na literatura

sobre métodos qualitativos, no geral, e análise de conteúdo, em específico, seguem sendo amplamente ignoradas pela literatura nacional.

O manual de Bardin apresenta limitações significativas quando utilizado para análises de conteúdo quantitativas e qualitativas. Para as análises quantitativas, não oferece orientações detalhadas suficientes sobre a criação de livros de códigos rigorosos, técnicas avançadas de amostragem de textos, treinamento e testes de confiabilidade entre codificadores, testes estatísticos pós-codificação e procedimentos robustos de validação dos dados. Embora mencione brevemente a importância desses elementos, não fornece um passo a passo adequado para implementá-los conforme os padrões atuais. Além disso, não aborda explicitamente técnicas de análise de grandes volumes de dados, o que pode dificultar a adoção de ferramentas que ofereçam suporte ao trabalho dos pesquisadores brasileiros.

No campo das pesquisas qualitativas, o manual de Bardin é deficiente em diversos aspectos metodológicos fundamentais. Entre suas principais lacunas destacam-se deficiência na orientação da construção de corpora qualitativos, a elaboração de livros de códigos para análises dedutivas, o tratamento da subjetividade dos codificadores, e a adoção de estratégias que garantam maior transparência metodológica, contribuindo para a credibilidade das análises. O manual também é limitado quanto às diversas formas de validação dos dados, e o uso de *softwares* CAQDAS que têm contribuído para o trabalho do pesquisador na sistematização, organização e análise de bancos de dados qualitativos mais volumosos. Além disso, ignora possibilidades de análise secundária de dados, os debates éticos sobre o tratamento de informações provenientes dos participantes. O manual não oferece diretrizes para lidar com os impactos dos meios digitais e online na comunicação e na pesquisa acadêmica, tampouco orienta sobre como lidar com esses novos fenômenos na análise de conteúdo como o uso dos repositórios online que ampliam a replicabilidade e a transparência dos processos analíticos.

A manutenção deste círculo vicioso, caracterizado pela repetição acrítica de um único referencial, restringe que pesquisadores pensem analiticamente, reconheçam as estratégias analíticas que precisam ser empreendidas para responder às perguntas de investigação e o potencial dos dados produzidos. Ao negligenciarem contribuições de outras perspectivas teórico-metodológicas, dificultam a renovação epistemológica do campo e o avanço das investigações qualitativas. Além disso, tende a isolar a produção brasileira de análise de conteúdo, dificultando o diálogo com comunidades científicas que têm incorporado práticas metodológicas mais diversificadas e atualizadas. A análise dos

tutoriais de AC publicados no contexto nacional, evidencia uma flagrante estagnação metodológica, marcada pela massiva utilização do referencial bardiniano, raramente associado a outras abordagens complementares ou atualizações contemporâneas. Um dos maiores impactos desta estagnação está na implicação da qualidade das investigações qualitativas ao não incorporarem procedimentos mais rigorosos e responsivos aos princípios de validade, confiabilidade e, quando possível, de replicabilidade - parâmetros já reconhecidos como essenciais à robustez da produção científica. Apesar das evoluções significativas no campo da análise qualitativa, essas evoluções não parecem estar sendo adequadamente incorporadas e discutidas no Brasil, que permanece preso ao referencial de Bardin, gerando um descompasso nos avanços metodológicos.

Chega de Bardin?

Mas a culpa é de Bardin? Ou ainda, faz sentido que o manual da autora seja o centro de nossa crítica? Não deveria a crítica ser direcionada para a falta de sofisticação e atualização metodológica da análise de conteúdo tal como vem sendo praticada? Obviamente, não é o fato de usar o manual de Bardin que torna uma pesquisa qualitativa menos rigorosa, assim como o recorrer a manuais mais atualizados não garante, por si só, a qualidade metodológica de um estudo. É bastante razoável que futuros analistas de conteúdo continuem usando o manual de Bardin como ponto de partida, desde que esse uso não se limite a ele, mas que seja complementado por tutoriais e referenciais mais atualizados, sensíveis as demandas atuais e que contribuam para qualidade da produção científica.

Dito isso, é importante esclarecer que a crítica aqui proposta não se dirige à obra de Bardin em si, tampouco ignora a sua relevância histórica na consolidação da análise de conteúdo no campo científico brasileiro. Entretanto, é possível afirmar que Bardin não é apenas o sintoma de uma estagnação metodológica na AC brasileira — ela se tornou também parte constitutiva do próprio problema. Sua obra, fundamental para a sistematização inicial da técnica em língua portuguesa, adquiriu uma posição de hegemonia normativa: é ensinada, recomendada e reproduzida, como se fosse a única referência legítima, segura e suficiente. Bardin tornou-se, assim, o nome condensador de uma prática institucionalizada, que atravessa bibliografias, disciplinas, formações metodológicas e trajetórias investigativas. Qualquer pesquisador que deseje aprender análise de conteúdo, especialmente no contexto brasileiro, quase inevitavelmente será encaminhado ao manual da autora.

Esse fenômeno tem consequências estruturais. A centralidade na indicação de Bardin desincentiva a busca por outros referenciais metodológicos, especialmente aqueles desenvolvidos em outras línguas e em contextos investigativos contemporâneos mais atualizados. O próprio sistema de formação de pesquisadores — da graduação à pós-graduação — reproduz essa lógica de fidelidade, inviabilizando o acesso a abordagens mais recentes, que respondem às exigências da ciência aberta, dos princípios de validade e confiabilidade em pesquisa qualitativa, e das transformações tecnológicas e éticas que atravessam o campo. É sintomático, por exemplo, que grande parte das bibliotecas universitárias brasileiras mantenham apenas traduções da obra de Bardin, negligenciando a aquisição de manuais mais recentes, inclusive em outras línguas, como inglês ou espanhol que podem ajudar a superar as deficiências aqui já apontadas.

Neste cenário, criticar Bardin (ou mais precisamente, criticar o uso acrítico e sistematicamente protocolar de Bardin) não é desmerecer a sua contribuição fundacional, mas propor um deslocamento epistemológico necessário. Dizer que Bardin se tornou parte do problema, é acima de tudo uma convocação à ruptura simbólica. Trata-se de interrogar não apenas o conteúdo de sua obra, mas os modos como ela estrutura o campo da análise de conteúdo no Brasil, limitando o repertório metodológico e a criatividade analítica do pesquisador qualitativo.

Há que se considerar a análise como um processo criativo e muitas vezes construído a partir das descobertas que as próprias informações possibilitam ao pesquisador. O processo analítico não deve ser reduzido à aplicação mecânica de etapas predefinidas, mas entendido como um exercício interpretativo, sensível e responsivo às singularidades dos dados empíricos é necessário para reposicionar a análise de conteúdo como uma prática viva, aberta e intelectualmente desafiadora. Isto implica, não apenas na ampliação de referências. Ela exige um esforço consciente de desnaturalização dessa hegemonia metodológica — e isso inclui a revisão de práticas curriculares, políticas de aquisição bibliográfica, formas de avaliação metodológica em revistas e, até mesmo o modo como se ensina a escrever a seção de métodos em teses e dissertações.

Ao trazer Bardin para o centro do debate crítico, abre-se a possibilidade de colocar em debate o círculo vicioso que tem sustentado as nossas práticas na pesquisa qualitativa e problematizar o lugar simbólico ocupado por Bardin como sinônimo de virtude na investigação qualitativa. Não se trata de descartar sua obra, mas propor as reflexões que nos conduzam a caminhos para uma análise de conteúdo mais plural, sofisticada e epistemologicamente consciente.

Conclusão

Este estudo analisou 71 materiais tutoriais que ensinam a aplicação de uma AC evidenciando a hegemonia do manual de Bardin como principal referência metodológica. Os dados confirmam que esta centralidade tem limitado a diversidade e atualização das abordagens analíticas: 62% dos materiais replicam o seu modelo de aplicação, suas orientações, e os aspectos de qualidade mais recorrentes refletem as suas ênfases e omissões. O uso reiterado e acrítico do manual de Bardin tem prevalecido, não se observando evolução metodológica da AC no Brasil, dificultando o diálogo com outras abordagens e a incorporação de avanços teóricos, técnicos e éticos contemporâneos. Não se trata de rejeitar Bardin, mas de deslocar seu lugar simbólico como única referência legítima, promovendo um campo mais plural, criativo e epistemologicamente robusto, integrando perspectivas interdisciplinares que ampliem o escopo da prática.

Nesse contexto, é premente que sejam feitos investimentos na tradução e divulgação de outras obras consagradas assim como o engajamento da comunidade acadêmica na produção de tutoriais que dialoguem com as demandas contemporâneas e locais. Além disso, é necessário repensar as políticas editoriais (que acabam apenas imprimindo novas edições de manuais com conteúdos antigos) e as práticas de aquisição bibliográfica em instituições públicas e universidades, de forma a democratizar o acesso a fontes metodológicas mais atualizadas.

A promoção de eventos acadêmicos, como congressos, seminários, workshops e mesas-redondas com especialistas nacionais e internacionais, é estratégico para fomentar o debate crítico e o intercâmbio de práticas inovadoras. Paralelamente, debates epistemológicos e metodológicos que enfatizem a transparência, replicabilidade e o rigor ético na pesquisa qualitativa devem ser incentivados.

A ampliação das redes de treinamento metodológico, a oferta de disciplinas específicas em programas de pós-graduação, a formação de grupos de pesquisa colaborativos e a criação de repositórios digitais e bases de dados abertas (a exemplo de Figshare, OSF, Zenodo), contendo materiais de pesquisa (conjuntos de dados, codificações, relatórios, materiais de pesquisa, softwares, prompts para IA e scripts para R e Python) em análise de conteúdo, promovendo a transparência, a replicabilidade e o compartilhamento de recursos.

Em um cenário em que os sistemas automatizados por inteligência artificial generativa ganham cada vez mais destaque para avaliação de conteúdos textuais e

qualitativos de forma geral, reafirmamos o valor da análise de conteúdo empreendida pelo pesquisador de forma tecnicamente rigorosa e teoricamente ancorada.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer a várias pessoas que ajudaram em momentos da pesquisa e na revisão do texto, nomeadamente Diógenes Lycarião, Larissa Herédia, Raquel Canuto e, especialmente, Rayza Sarmento.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram que não há quaisquer conflitos de interesses envolvidos na elaboração desta pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

RCS participou de todas as etapas do estudo, a saber conceituação, curadoria de dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, recursos, software, supervisão, validação, visualização, redação - rascunho original, redação - revisão e edição. **CSS, CST, KE e JRS** contribuíram com análise formal, investigação, metodologia, redação - rascunho original e redação - revisão e edição. **EDD** participou da análise formal, redação - rascunho original e redação - revisão e edição.

Referências

ALVES, D.; FIGUEIREDO FILHO, D.; HENRIQUE, A. O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 119–134, 2015.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 39–63.

BICUDO, M. A. V.; COSTA, A. P. (org.). **Leituras em pesquisa qualitativa**. São Paulo: Livraria da Física, 2019.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 57, n. 5, p. 611–614, 2004.

CARDOSO, E.; MONTEIRO, M. C. S. Análise de conteúdo: perspectivas teóricas e metodológicas no campo da Comunicação. *In: WOTTRICH, L.; ROSÁRIO, N. M. do (org.). **Experiências metodológicas na Comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 103–122.*

CASTRO, T. G. de; ABS, D.; SARRIERA, J. C. Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 31, n. 4, p. 814–825, 2011.

CORDEIRO, L.; BALDINI SOARES, C. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 37–43, 2020.

DOMINGOS, Amanda; ROCHA, Virginia; MARCIANO, Palloma. A estrada dos tijolos amarelos: Desafios e sugestões para produzir pesquisas qualitativas mais transparentes. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 43, p. e275124, 2024.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: artmed, 2009.

GOMES, A. F. *et al.* As contribuições da Análise de Conteúdo e do Discurso para os estudos em Administração. **Revista Foco**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 146–170, 2020.

GONDIM, S. M. G.; BENDASSOLLI, P. F. Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 191–199, 2014.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. *In: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123–142.*

JÚNIOR, W. C. F. Análise de conteúdo. *In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011. p. 280–304.*

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 2a edição. Londres: SAGE Publications Inc., 2004.

MAIA, Rousiley C. M.; HAUBER, G.; PAULA, J. E. Análise de Conteúdo. *In: MAIA, Rousiley Celi Moreira (org.). **Métodos de pesquisa em comunicação política**. Salvador: Edufba, 2022. p. 39–79.*

MARTINEZ, M.; PESSONI, A. Intercom: pesquisas feitas com o método (1996 a 2012). *In: JORGE, T. de M. (org.). **Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2015. p. 299–319.*

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, M. C.; COSTA, A. P. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação**. Aveiro: Ludomedia, 2019.

NASCIMENTO, O. A. dos S. *et al.* The use of Content Analysis in scientific production of Brazilian Physical Education. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 43, n. May, 2021.

NEUENDORF, K. **The content analysis guidebook**. Londres: SAGE Publications Inc., 2002.

OLIVEIRA, D. C. de. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de Enfermagem da UERJ**, [s. l.], v. 16, n. 4, p. 569–576, 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

SAMPAIO, R. C. *et al.* Mapeamento e reflexões sobre o uso da análise de conteúdo na SciELO-Brasil (2002-2019). **New Trends in Qualitative Research**, [s. l.], v. 15, p. e747, 2022.

SAMPAIO, R. C. *et al.* Muita Bardin, pouca qualidade: uma avaliação sobre as análises de conteúdo qualitativas no Brasil. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [s. l.], v. 10, n. 25, p. 464–494, 2022.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: ENAP, 2021.

SANTO, P.; SOARES, I. Meeting the loose ends with ethnographic content analysis. **Revista Debates**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 25–48, 2015.

SCHREIER, M. **Qualitative Content Analysis in Practice**. Londres: Sage, 2012.

SERAMIM, R. J.; WALTER, S. A. O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 241–269, 2017.

SILVA, A. H. *et al.* Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. **Conhecimento Interativo**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 168–184, 2017. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ76.pdf.

TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

URQUIZA, M. de A.; MARQUES, D. B. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. **Entretexos**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 115–144, 2016.

VALENTIM, M. L. P. *et al.* Pesquisa em inteligência competitiva organizacional: utilizando a análise de conteúdo para a coleta e análise de dados - Parte I. **Transinformação**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 811–198, 2005.

ANEXO 1: Livro de códigos da pesquisa

Este livro de códigos foi elaborado para avaliação da qualidade de pesquisas que fazem uso da técnica de pesquisa “análise de conteúdo” em artigos publicados no Brasil. Trata-se da versão final, após treinamento dos codificadores e adequações, conforme recomendado por Sampaio, Lycarião (2021). A pesquisa foi realizada pelo grupo de pesquisa em Comunicação Política e Democracia Digital ([COMPADD](#)) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenado pelo professor [Rafael Cardoso Sampaio](#).

A pesquisa ainda contou com apoio do programa de iniciação científica do CNPq, CAPES e da própria UFPR.

Referência: SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de Conteúdo Categorical: Manual de Aplicação**. Brasília: ENAP, 2021. Disponível em: Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/6542>.

Descrição Geral

A codificação se dará no software NVivo. Assim, toda vez que for encontrado uma passagem que evidencia alguma das categorias abaixo, marcar o trecho completo e codificá-lo de acordo com a categoria, **codificando-o no respectivo nó denominado “sim”**.

Caso ao final do artigo, após conferir, a codificadora não encontrar a categoria analisada, **ela deverá marcar o último trecho do artigo antes da referência como “não”**.

Logo, todas as categorias precisarão estar respondidas como “sim” ou “não”.

Para referência, a *unidade de análise* é o parágrafo, logo evitem codificar mais de um parágrafo. A *unidade de contexto* são os dois parágrafos anteriores ou posteriores.

Além disso, toda vez que a codificadora achar um novo trecho que seja um bom exemplo de alguma categoria já codificada, ela deverá marcar o trecho e incluir no nó filho “exemplos...”. Cada categoria da três em diante irá apresentar um nó filho nomeado como exemplo e o nome da categoria.

Ao concluir, fazer uma verificação pelos termos abaixo usando a ferramenta de pesquisa de palavras e escolhendo o arquivo do artigo ou capítulo.

amostra OR corpus OR unidade OR codificador OR juiz OR treinamento OR confiabilidade OR subjetividade OR validação OR transparência OR replicabilidade

1 – Os(as) autores(as) citados(as) para apoiar a AC

Marcar com o NVivo cada *autor ou autora de análise de conteúdo citado* no texto como *in vivo*. Marcar cada vez que o autor for citado ao longo do texto. Depois juntar todos os novos códigos dentro deste nó. Considerar o ano da obra para fazer a junção de outros códigos. Por exemplo, todas referências a Bardin (1997) serão unidas, mas não estariam juntos com outras referências das autoras, como Bardin (2016).

Não codificar as referências finais.

2. Bardin é citada como autora para apoiar a AC?

Não precisa ser a única.

0. Não se aplica

Caso Bardin não tenha sido citada ao longo do artigo.

1. Sustentando;

O conceito ou modelo utilizado de AC de Bardin é o principal em termos de ênfase ou quantidade, portanto sustenta ou elogia a visão da autora. Ex: A análise foi feita em três etapas, conforme Bardin, 1. Pré-análise ou leitura flutuante; 2. Exploração do material ou codificação; 3. Tratamento dos resultados.

2. Mencionando;

É uma citação adjacente, não principal ou não utilizada como conceito principal orientador da análise; que apenas menciona a autora dentre outros mencionados para justificar a análise de conteúdo, sem explicitar os métodos da autora.

3. Contrastando;

É uma citação negativa, que contrasta ou critica a visão da autora, geralmente modificada com outros autores, revelando seus pontos cegos e/ou insuficiências.

3. A base da metodologia empregada é o MODELO DE BARDIN?

No geral, a metodologia ensinada pelo artigo é basicamente uma reedição do modelo de Bardin. Usa as três fases elencadas abaixo e/ou o modelo da figura abaixo.

0. Não

1. Sim

Pré-análise

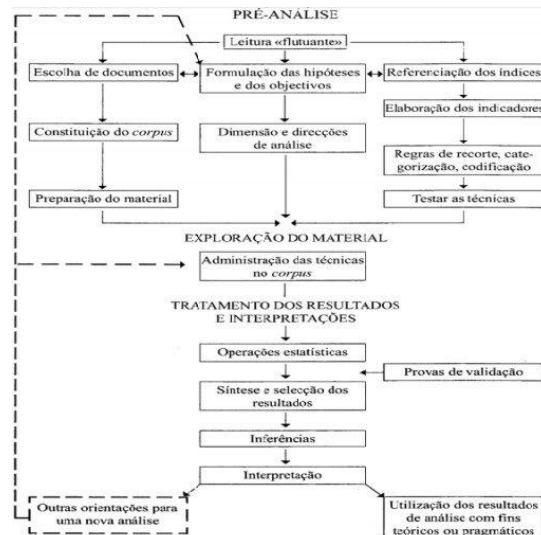
Leitura flutuante

Exploração do material

Codificação (regras para categorias)

Tratamento dos resultados e interpretações

Inferências



- **Exemplos de Bardin como base:** marcar todos os trechos que evidenciem que a base da análise de conteúdo apresentada é baseada no modelo de Bardin. Marcar a figura acima e outras tabelas e figuras que façam alusão ao modelo da autora.

4. A metodologia apresenta alguma forma de construção de CORPUS QUALITATIVO ou para AMOSTRA para realização da análise de conteúdo?

0. Não

1. Sim

Codificar o trecho que explicita como realizar uma construção de corpus qualitativo ou amostra OU AINDA que explique se tratar de um passo importante.

- **Exemplos de amostra ou corpus:** marcar todos os trechos que expliquem a importância ou esclareçam como fazer uma amostra ou um corpus de análise. Não marcar se não houver uma explicação mínima.

5. A metodologia apresenta a necessidade de definição de UNIDADES de análise ou similares?

0. Não

1. Sim

Codificar trechos que apresentem a importância da AC definir unidades de análise ou similares (unidade de codificação, registro, contexto, sintática, semântica).

- **Exemplos de unidades (registro, contexto, análise):** marcar todos os trechos que expliquem a importância ou ilustrem como selecionar unidades de registro, unidades de contexto, unidades de análise e afins.

6. A metodologia sugere o uso de algum SOFTWARE (incluindo online) ou linguagem de programação para análise dos dados?

0. Não

1. Sim

Codificar o trecho que explicita a necessidade o uso de algum software (incluindo online) ou linguagem de programação para análise dos dados

- **“Nome do software”:** colocar o software utilizado usando a codificação *In Vivo*. Codificar apenas UMA vez por artigo cada software sugerido ou utilizado. Softwares instalados no computador para análise quantitativa a exemplo de SPSS, Stata, Sphinx, Tableau. Softwares para análise qualitativa, como NVivo, Atlas.ti, MAXQDA. Softwares online, como webQDA etc. Linguagem de programação geralmente será R ou Python.

- **Exemplos de sugestões de usos de softwares:** marcar todos os trechos que expliquem a importância, ou mostrem benefícios do uso de softwares na análise de conteúdo.

7. A metodologia recomenda a existência de MAIS DE UM CODIFICADOR?

Codificar o trecho que explicita a necessidade ou importância da existência de mais de um codificador (investigador, juiz). Aqui, apenas a menção é suficiente. Então, a simples menção a “codificadores” por exemplo já pode ser marcada.

0. Não

1. Sim

- **Exemplos de mais de 1 codificador:** marcar todos os trechos que explicitem a existência ou a importância que a codificação seja feita por mais de um codificador (investigador, juiz etc.).

8. A metodologia recomenda TREINAMENTO do(s) codificador(es)?

Codificar qualquer trecho que explicita a necessidade de treinamento dos codificadores (investigadores, juízes). antes da codificação final.

0. Não

1. Sim

- **Exemplos de treinamento:** marcar todos os trechos que explicitem a existência ou a importância do treinamento dos codificadores (juízes, investigador, etc.).

9. A metodologia aconselha a realização de um teste de CONFIABILIDADE entre codificadores ou outra forma de se lidar com a SUBJETIVIDADE dos codificadores e/ou da codificação?

0. Não

1. Sim

Codificar qualquer trecho que explicita a necessidade de um teste de confiabilidade entre codificadores ou outra forma de se lidar com a subjetividade dos codificadores e/ou da codificação. Em pesquisas qualitativas, para além dos testes de confiabilidade, pode-se lidar com a subjetividade através da auto reflexividade dos pesquisadores para analisar seus valores subjetivos, vieses (bias), inclinações. Pode ser também uma forma de lidar com a subjetividade de uma classificação, incluindo outros codificadores para avaliar a classificação inicial.

- **Exemplos de uso de teste de confiabilidade ou forma de lidar com subjetividade:** marcar todos os trechos que explicitem a existência ou a importância de algum tipo de teste de confiabilidade ou forma de lidar com a subjetividade da codificação.

10. A metodologia aconselha algum método para VALIDAÇÃO DOS DADOS?

0. Não

1. Sim

Codificar qualquer trecho que explicita algum método para validação dos dados. Por exemplo, “validade transacional”, “validade comunicacional”, *respondent validation*, “triangulação”, *validade por triangulação*, a validação dos resultados por outros pesquisadores ou participantes.

- **Exemplos de validação dos dados:** marcar todos os trechos que explicitem a existência ou a importância de algum tipo de validação dos dados após a codificação inicial.

11. A metodologia sugere formas de TRANSPARÊNCIA metodológica para incremento da credibilidade (*trustworthiness*) da pesquisa ou que o livro de códigos ou o resultado da aplicação indutiva seja tornado disponível (anexo ou online)?

0. Não

1. Sim

Codificar qualquer trecho que explicita a necessidade de se colocar a aplicação online, ou mesmo reflexões sobre a transparência metodológica da pesquisa.

- **Exemplos de transparência:** marcar todos os trechos que explicitem a existência ou a importância da transparência da pesquisa como um todo e/ou sugerem que o livro de códigos ou resultado da aplicação indutiva sejam tornados online. Aqui, portanto, seria o material que orientou a codificação.

12. A metodologia sugere que que haja cuidados com a REPLICABILIDADE da pesquisa ou que o banco de dados (planilha do Excel, projeto de codificação, projeto do NVivo/Atlas.ti etc.) ou similares sejam tornados DISPONÍVEIS ONLINE?

0. Não

1. Sim

Codificar qualquer trecho que explicita a necessidade de se colocar o banco de dados online OU formas e razões de se atingir a REPLICABILIDADE da pesquisa OU que apresente as razões éticas para não realizar esta decisão.

- *Exemplos de replicabilidade ou de dados disponíveis*: marcar todos os trechos que explicitem a existência ou a importância da replicabilidade da pesquisa como um todo e/ou sugerem que banco de dados com os resultados seja tornado online. Aqui, portanto, seria o material já codificado, a codificação final.

13. Lacunas, limitações e problemas das pesquisas em AC

Marcar trechos que tratam sobre lacunas, limitações nas pesquisas e aplicações metodológicas *sobre análise de conteúdo*.

14. Futuras pesquisas na AC

Marcar trechos que fale, sobre hipóteses ou futuras pesquisas *em análise de conteúdo*.

15. Sugestões, críticas, problemas e outras coisas interessantes

Usar para marcar trechos que tratam de questões interessantes gerais da técnica, incluindo sugestões, críticas e problemas. Marcar todos os trechos que considerar interessante.

Conclusão/revisão

Ao concluir, fazer uma verificação pelos termos abaixo usando a ferramenta de pesquisa de palavras e escolhendo o arquivo do artigo ou capítulo.

amostra OR corpus OR unidade OR codificador OR juiz OR treinamento OR confiabilidade OR subjetividade OR validação OR transparência OR replicabilidade

Anexo 2

Análise do manual de Bardin

Para estabelecer nossa comparação, aplicamos o mesmo livro de códigos para o manual de Bardin, que explicitou a importância de cinco requisitos, nomeadamente: amostra, unidade de análise, software, mais de um codificador, e validação dos dados. Os dois primeiros itens são amplamente cobertos pelo manual e há vários indicativos de como fazer uma amostra (Bardin, 2011, p.127, ver também p. 71 e 254) e da importância de definições rigorosas de unidade de análise, de registro, codificação e afins (ibidem, p. 42, 133-137, ver também p. 42).

Em termos de software, Bardin faz inúmeras referências a análises de conteúdo computadorizadas seja na história da disciplina seja em formas de se fazer tal análise. Ela apresenta entre seus métodos de análise de conteúdo a possibilidade de uma análise automatizada através de índices (ibidem, p. 158) e dedica um tópico de seu livro ao que o computador pode fazer ou não (p. 177), descrevendo os principais softwares disponíveis à época e seus potenciais. No geral, Bardin parece reconhecer a importância da análise computacional mais conectada à análise lexicométrica (p. 185). Em alguns momentos do seu manual, ela admite que computadores podem ser usados como partes da análise de conteúdo tradicional (p.97, 124, 131), apesar de não detalhar esse uso específico.

Sobre os dois outros aspectos, a presença de mais de um codificador, e a validação dos dados, Bardin os explicita em vários momentos de seu manual, porém nem os reforça como sendo partes essenciais da análise de conteúdo e nem explica como realizá-los adequadamente. Há uma premissa na visão de Bardin que nos parece equivocada e causadora do problema principal. Para a autora, a elaboração adequada de regras para a categorização garante por si uma codificação na qual a subjetividade dos codificadores não tem impacto:

A objetividade e a fidelidade: estes princípios, tidos como muito importantes no início da história da análise de conteúdo, continuam a ser válidos. As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grade categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. As distorções devidas à subjetividade dos codificadores e à variação dos juízos não ocorrem se a escolha e a definição das categorias forem bem estabelecidas. (Bardin, 2011, p. 150).

Como sabemos de ampla literatura sobre análise de conteúdo, isso não ocorre de forma tão simples. Por melhores que estejam desenhadas as categorias, haverá naturalmente diferenças entre os codificadores humanos, especialmente ao pensarmos num contexto de replicação da pesquisa, no qual o contexto original é perdido. Por isso, há, atualmente, uma unanimidade entre os atuais manuais de AC sobre a necessidade de treinamento entre codificadores para a padronização da codificação (NEUENDORF, 2002; SAMPAIO,

LYCARIÃO, 2021; SCHREIER, 2012). A subjetividade dos codificadores é algo tão inerente às análises de conteúdo que o padrão se tornou a realização de teste de confiabilidade entre codificadores para termos indicadores assertivos de que os diferentes analistas não estão codificando de forma significativamente diferente entre si. Bardin chega a mencionar em seu modelo (p. 132) sobre “testar as técnicas”, mas só menciona isso de maneira muito rápida durante a codificação tratando apenas sobre a possibilidade de “testar as unidades de registro e de contexto em pequenas amostras, a fim de que nos asseguremos que operamos com os instrumentos mais adequados” (p. 137). Há ainda menções à fidelidade⁸ entre os codificadores (p. 13, 25, 95, 210), mas geralmente atribuída como mais importante na visão anglo-saxã da técnica e não se explica como fazer tal aferição.

Da mesma forma, Bardin (2011) inclui “provas de validação” em seu modelo (p. 132) e menciona “processos” (p. 20) e “testes” de validação (p. 131) em outros momentos do manual, porém não torna explícito como realizá-los, limitando-se a dizer que o analista de conteúdo “pode utilizar uma ou várias operações, em complementaridade, de modo a enriquecer os resultados, ou aumentar a sua validade, aspirando assim a uma interpretação final fundamentada” (p. 48-49).

Cuidados com a transparência e replicação da pesquisa não estão presentes na obra de Bardin. Há algumas poucas menções à transparência, mas não no sentido de maior transparência metodológica da AC e de sua importância. Não há quaisquer referências à possibilidade de replicação da pesquisa.

Indicadores de qualidade da AC	Manual de Bardin
Amostra ou corpus qualitativo	Explícita e explica
Unidade de Análise, registro, contexto, análise	Explícita e explica
Software de análise	Explícita
Mais de um codificador	Menciona
Treinamento dos codificadores	Rechaça
Teste de confiabilidade ou lidar com subjetividade	Desconsidera
Validação dos dados	Menciona
Transparência metodológica	Desconsidera
Replicação ou disponibilização dos resultados	Desconsidera

⁸ Trata-se de uma tradução incorreta de *reliability*, que pode ser melhor traduzida como fidedignidade ou confiabilidade.

Então, resumidamente, podemos dizer que o manual de Bardin é uma boa fonte para aspectos relacionados à amostra ou construção de corpus qualitativos e para a definição mais fina de unidades de análise (registro, contexto etc.). Há também suficientes referências ao uso de computadores para realizar ACs automatizadas para considerarmos que o manual valoriza o uso de softwares para incrementar o rigor da aplicação da técnica. Por sua vez, Bardin menciona a possibilidade do uso de mais de um codificador, mas nem o recomenda e nem considera importante que exista treinamento ou teste de confiabilidade entre os codificadores. Da mesma forma, menciona a importância da validação, mas não explica como realizá-la. Cuidados com a transparência e replicação da pesquisa não estão presentes em sua obra.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.